

“Está faltando dinheiro para a gente, mas acho que isso é uma situação geral”
Almirante-de-esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, comandante da Marinha do Brasil

portomar@atribuna.com.br

Porto & Mar

Corte de orçamento prejudica projetos da Marinha do Brasil

Construção do submarino de propulsão nuclear será adiada e renovação da esquadra nacional está suspensa

FERNANDA BALBINO
DA REDAÇÃO

Os cortes de orçamento do Governo Federal já afetam os planos da Marinha do Brasil. O projeto de renovação da esquadra, que incluía a compra de 27 embarcações, está suspenso e o sonho nacional de construir o primeiro submarino de propulsão nuclear do Hemisfério Sul, aguardado há 35 anos, será adiado. A Força Armada ainda precisou fazer ajustes nos cronogramas de patrulha naval para garantir a segurança das águas brasileiras.

“Temos que enfrentar essa realidade e precisamos dar a nossa contribuição, nos adaptando às novas condições de orçamento que recebemos. O que não podemos é desistir e nos desesperar. Agora, sem dúvida nenhuma, uma série de projetos da Marinha sofrerá atrasos e vamos enfrentar tal situação com essa repactuação e com esse replanejamento dos cronogramas de nossos projetos”, destaca o comandante da Marinha do Brasil, o almirante-de-esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira.

Em 2015, a previsão era de que R\$ 320 milhões fossem destinados especificamente para o projeto de construção do primeiro submarino nuclear brasileiro. De acordo com o cronograma inicial, a embarcação seria lançada ao mar em 2025.

No entanto, neste ano, apenas R\$ 250 milhões foram repassados pelo Governo. A previsão para 2016 também não é muito animadora. Com isso, vários planos precisaram ser revistos, inclusive



Armada fez ajustes nos cronogramas de projetos e a inauguração do Grupamento de Patrulha Naval, em Santos, está suspensa

Comandante

O almirante-de-esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira é natural do Rio de Janeiro e assumiu o comando da Marinha do Brasil em fevereiro deste ano. Ele começou a carreira militar em 1971, tornou-se almirante em 2004 e almirante-de-esquadra em março de 2013. Antes de assumir o cargo, o oficial foi comandante da Escola Superior de Guerra, instituição vinculada ao Ministério da Defesa. Também atuou como capitão dos portos do Rio de Janeiro e comandou o Centro de Instrução Almirante Alexandrino, a Escola Naval, o 7º Distrito Naval e a Diretoria de Portos e Costas (DPC). Após a posse no comando da Armada, garantiu prioridade aos programas nuclear e de submarinos da Marinha, mesmo com as restrições orçamentárias em todo o Governo.



a construção do reator nuclear. Não há previsão para a conclusão do projeto.

O lançamento do submarino nuclear brasileiro vai proporcionar à Marinha mais capacidade e agilidade para patrulhar e defender a zona costeira do País. A alta capacidade de mobilidade, já que o motor nuclear atinge maior velocidade, é uma característica que permite a patrulha em grandes extensões, como é o caso da costa do Brasil.

Segundo o almirante-de-esquadra, ainda há outro desafio, que é o tecnológico. “Estamos aprendendo sozinhos. Ninguém ensina a gente, pelo contrário. Há uma forte oposição do mundo, dos países que detêm a tecnologia nuclear, de transferir qualquer coisa para os trabalhos do Brasil”.

PATRULHA

A intensificação das atividades relacionadas à exploração de petróleo na região de alto-mar também foi prejudicada pelo corte no orçamento da Marinha do Brasil. A patrulha continua. Porém, o plano de construção de 27 navios, que também seriam utilizados para este fim, foi suspenso por tempo indeterminado.

Esses novos navios substituiriam embarcações como o Navio de Desembarque Doca (NDD) Ceará, que já tem 59 anos de uso e deve deixar de navegar nos próximos dois anos. O NDD Rio de Janeiro é outros que já foi aposentado pela Armada.

“Realmente, uma das áreas mais afetadas é a nossa capacidade de exercer a patrulha naval no pré-sal, com área afastada, de 150 milhas da costa. Então, estamos diminuindo a quantidade de dias de mar que nós passamos naquela área e também reduzindo a encomenda de navios que se faziam necessários para que tenhamos uma patrulha eficaz na área do pré-sal”, destaca o comandante da Marinha.

Grupamento de Patrulha está suspenso

■ Não há qualquer previsão para a inauguração do Núcleo do Comando do Grupamento de Patrulha Naval Sul-Sudeste, que funcionará na sede da Capitania dos Portos de São Paulo (CPSP). Este é outro projeto da Marinha do Brasil afetado pela crise econômica e pelos cortes no orçamento do Governo.

A principal atividade do Grupamento será a proteção das águas brasileiras em uma distância superior a 12 milhas náuticas, o equivalente a 22,2 quilômetros. Os planos incluem garantir a segurança no entorno das atividades de extração de petróleo na camada

pré-sal da Bacia de Santos.

Para isso, o Grupamento deverá manter os navios fazendo esta patrulha atracados no Porto de Santos. A ideia é que o deslocamento até a Bacia de Santos seja mais ágil, já que a distância será menor.

Além de defender as riquezas do País, no caso da extração do petróleo, uma das atividades que essas embarcações poderão fazer na área de jurisdição do Grupamento é a patrulha nas regiões próximas às plataformas. Nestes locais, há um perímetro de 500 metros que deve ser protegido. “Os navios que viriam para compor o núcleo

estão aguardando essa melhora do orçamento. O navio pode vir, ficar em uma estação, ou seja, a tripulação não morará na Cidade, ficará alojada no navio e o navio fará a patrulha. É um prejuízo. Gastamos muito mais do que se um navio estivesse em Santos”, diz o comandante do 8º Distrito Naval, vice-almirante Glauco Castilho Dall’Antonia.

Ele acrescenta: “Esse é um dos motivos para que o grupamento não tenha sido efetivado. A gente vê isso com uma certa dificuldade, porque se a situação, no ano que vem, continuar assim, nós não ativaremos o grupamento”, explica.